

# O Gaiato

 PORTE PAGO

Quinzenário \* 3 de Agosto de 1985 \* Ano XLII — N.º 1080 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



São os «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Lisboa.

## TRIBUNA DE COIMBRA

«Queridos Amigos: Aqui em nossa casa, todos os dias, pedimos ao Senhor, nosso Deus, pela Obra do Pai Américo.

Mas também gostamos de ajudar materialmente; daí o cheque junto, com amizade.»

A mensagem e o cheque são dum Engenheiro de fama da nossa cidade de Coimbra. Um Amigo de todos os dias, reza com a família pela «nossa» Obra.

No cartão que lhe enviámos escrevemos: «Também nós, cá em Casa, todos os dias, rezamos pelos benfeitores».

Ao celebrarmos os aniversários da morte e da ordenação sacerdotal de Pai Américo, a mensagem deste Amigo vem também testemunhar que o caminho do homem crente é caminho que tem de ser iluminado e fortalecido pelo Senhor, nosso Deus.

Só à Luz da Fé e da Confiança nós somos capazes de entender o caminhar dos Homens e das obras. Só a esta Luz somos capazes de entender o eu ando in Nomine Domini que Pai Américo afirmou em toda a sua vida.

A esta luz, arrancamos agora com a construção da nova escola-oficina de Artes gráficas em nossa Casa. É um gosto vê-la crescer em cada dia que passa. Os pilares estão no cimo. Dezassete dos nossos estudantes dão serventia a quatro mestres. A primeira remessa de ferro custou duzentos e cin-

quenta contos. Veio um representante da Luzalite, do Porto, e encomendámos a cobertura por mil contos. Os nossos serralheiros têm em mãos todas as janelas. Os carpinteiros prepararam as taipas. Sete dos rapazes que, até agora, estudavam vão todos os dias para a Gráfica de Coimbra preparar-se para, em Outubro, abriremos as portas desta nova escola.

Padre Valentim aceitou com alegria o encargo de procurar as primeiras máquinas e orientar a sua montagem. O Joaquim, quando lhe batemos à porta e lhe dissemos que andávamos à procura de um homem, logo abriu os braços e exclamou: — **estou todo à disposição dos galatos.**

◆ Ontem, dia do 29.º aniversário da morte de Pai Américo, o Pinto foi colocar um grande vaso de flores junto do busto que a Câmara mandou construir ao cimo da avenida, no meio da nossa quinta. Que Pai Américo, que cremos muito pertinho do Senhor, tenha gostado e continue a ajudar-nos a não deixar murchar as flores que Deus plantou nos nossos caminhos.

São quase horas de levantar. A claridade da manhã já rompe por entre as nuvens da noite. Um novo dia vai começar. Obrigado, Senhor, por mais este dia.

Padre Horácio

## AQUI, LISBOA!

«Nunca ninguém deve entregar dinheiros ou valores aos nossos Rapazes, pessoalmente. Nem tão pouco perguntar-lhes se lhes foi entregue a coisa que pelo correio enviaram. Eles aqui não têm nada seu. Nós vivemos em perfeita comunidade.» (Pai Américo)

Já temos referido nestas colunas os graves problemas postos a quem é responsável pela educação dos Rapazes pelos visitantes que, sem a mais pequena satisfação, distribuem a esmo dinheiros, relógios, rádios e outros objectos, esquecendo-se que quem está intra-muros é que tem de aguentar a vida da Casa, nas vinte e quatro horas de cada dia.

Dentro das Comunidades há regras e princípios estabelecidos. Nem sempre são os pequenos simpáticos ou insinuantes que mais merecem. As vezes, há mesmo razões de fundo a ter em conta, sob pena de se estabelecerem discriminações altamente infíquas. Dar dinheiro a crianças é profundamente deseducativo, quando não o reavivar de situações tristes, como as de pedincha na rua e outras, que importaria desvanecer.

Embora não falte o essencial a cada um, há que preservar o sentido comunitário, combatendo o individualismo, fonte de mau estar e de invejas. Nas

idades próprias e sempre que o comportamento o justifique, haverá lugar para aqueles objectos considerados de uso corrente. Mas quem o decide ou o aprova não são as pessoas estranhas, por melhor intencionadas que sejam.

As vezes, à mistura com palavras menos apropriadas, como «coitadinho», «pobrezinho» e outras, coloca-se nas mãos de crianças de 5 anos ou pouco mais, importâncias em dinheiro ou objectos valiosos, acrescentando-se, numa falta de senso total, o individualista «isto é para ti». Um pequeno dos nossos, aos 10 anos, já tinha recebido três relógios e, com frequência, crianças analfabetas e atrasadas são contempladas com objectos de que não são capazes de fazer uso. Aqui há tempos, a um dos nossos miúdos, queria alguém oferecer uma bicicleta nova, para uso pessoal, esquecendo-se de que a Casa do Gaiato não é um colégio onde os papás internam os seus filhos. Entregas de sacadas de guloseimas a determinados rapazes, esquecendo que todos são membros da mesma Comunidade e, portanto, irmãos uns dos outros, é também procedimento reprovável. O sol, aqui em Casa, quando nasce é para todos.

«Quem meus filhos beija, minha boca adoça», diz o adágio. Ora, se agradecemos desvane-

cidos os carinhos e as ofertas feitas aos nossos jovens, permita-se-nos pedir que se respeite a índole da Instituição e as normas por que se rege. Tenham-se em conta as recomendações de Pai Américo acima expressas e aquela outra, a propósito do mesmo tema: «Dar-lhes dinheiro ou coisas com o recadinho isto é para ti, o mesmo é que ensinar-lhes o anti-pático individualismo». E mais: «Não é amigo de Portugal» aque-

Cont. na 3.º pág.

## AGORA

Há dias, fui a V. N. de Gaia com um casal de autoconstrutores para vermos a casa que estão construindo. Há anos que lutam: Primeiro, o terreno; a seguir, cada ano um passinho, foram as paredes, as placas e o telhado.

— Este ano, as portas — disseram-me.

Fiquei em silêncio, olhando os vãos das portas e janelas e imaginei, lá dentro, os so-

nhos lindos deste jovem casal.

O problema angustiante da habitação fere o cerne da nação — pois abala brutalmente a instituição familiar.

Oportuno escutarmos o Santo Padre:

«Tantos jovens casais, que esperam em vão uma habitação digna e a preços acessíveis, com o passar do tempo desanimam, perdem a esperança e entram em crise com o

risco de comprometer ou, pior, deteriorar a necessária harmonia e unidade do núcleo familiar. É um grave dever dos Responsáveis da administração pública examinar com cuidado esta realidade para lhe dar um remédio adequado e oportuno».

Situação dramática!

Algumas Câmaras têm encarado este problema com certo

Cont. na 4.º pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## DO NOSSO MOÍNH

■ Serve-me de banco uma gigantesca pedra e de mesa as minhas pernas.

Eis-nos, uma vez mais, neste belo e inesquecível Monte de S. Domingos, fugidos ao stress do quotidiano e na procura do silêncio necessário ao espírito. Aqui tudo é convite à meditação profunda das coisas e da vida.

Este Monte é algo que seduz e inspira! Enquanto o contemplamos, o tempo voa, os dias vão passando. Tentamos, contudo, viver cada minuto com o máximo de intensidade.

■ Foi um belíssimo encontro que tivemos logo no primeiro dia: Acabávamos de chegar, quando apareceram o Padre Moura e o Padre Abel, que estiveram ligados à Obra da Rua na Casa do Gaiato de Paço de Sousa e agora são párocos de seis freguesias. Vieram dar as boas vindas e convidar-nos para passarmos um dia com eles. Aceitámos. Fomos por eles recebidos com emoção e carinho. Almoçámos e demos uma volta pelos seus «domínios».

Regressámos no fim do jantar, felizes por estarmos todos juntos. Foi um dia diferente, emotivo!

■ Saiu da sua aldeiazinha lá do Minho e veio junta a outro homem. Para trás tinha deixado um bom casamento, do qual tinha dois filhos. Ele era emigrante em França e passava pouco tempo em casa. Ela preferiu a aventura à segurança desse casamento. Assim, veio com outro que trabalhava na barragem, perto de Tabuaço.

Estava grávida do segundo filho desse homem quando ele desapareceu para não mais ser visto.

A vergonha daquela mulher era grande e, por isso, não quis voltar para o que deixara. Lá no Minho, mãe e marido.

Calçou o pó das estradas. Ouviu o choro dos filhos que tiravam de frio em noites passadas ao relento, à fome. Mesmo ela sentiu isso, que seria mau para a criança que trazia no ventre. Procurou a caridade e a criança nasceu. Depois, pôs-se novamente a caminho. Voltou a sentir os mesmos tormentos. De criança ao colo e os outros três seguindo lentamente os passos da mãe. Voltou ao encontro da caridade e encontrou-a no Patronato de Godim, das Irmãs de Jesus que lhe tomaram conta do bebé e por interferência das quais recebeu uma habitação económica da Câmara da Régua.

Recomeçou a vida. Era preciso trabalhar duramente para sobreviver e dar algo aos filhos. Todos trabalhavam, só o bebé se mantinha no Patronato onde o ia buscar à noite.

A casa era fria, húmida e o bebé adoeceu. Foi preciso levá-lo ao médico. As Irmãs tomaram conta dele e passou a ficar permanentemente no Patronato onde existia melhor conforto. Até que começou a andar, a falar e a pedir a mãe. Voltou às noites frias daquela casinha húmida. De dia, ia à Escola (donde muitas

vezes fugia para a rua). No fim das aulas ia para o Patronato onde fazia os trabalhos escolares para voltar à mãe durante a noite.

Enquanto isso, a mãe trabalhava e arruinava-se. O álcool era o seu «conforto»... Adoeceu. Preciso de ser operada, mas os filhos — sua constante preocupação — precisavam dela.

Desconheço se este foi o motivo pelo qual vim para a Casa do Gaiato. Eu sou o filho mais novo dessa mulher que é minha mãe, e daquele pelo qual ela abandonou tudo. Havia muitos outros motivos para eu ser da Casa do Gaiato: de ordem educativa, espiritual, e de alívio para o fardo demasiadamente pesado que ela transportava às costas...

Foi difícil vir. A mãe não queria abandonar os filhos. Tinha orgulho neles. Queria que crescessem junto dela. Mas vim! Tinha 9 anos nessa altura e andava na 3.ª classe da Escola Primária.

Três anos depois a minha mãe morreu. Desconheço qual a doença que lhe provocou a morte... Dói-me, mesmo agora, recordá-la assim... Talvez por isso nunca tenha feito um «Retalhos de vida» — como tantos outros fazem. E hoje conto esta história porque faz parte de uma coincidência

## Recordações

Na minha mente

Continua alguém...

Olho à minha volta:

Deserto.

O foragido

Não deixou vestígios;

Foi tragado.

Num sopro

E lágrimas,

Partiu...

E o teu canto

De amor e carinho?

De subidas

E quedas?

Não disseste:

— Isto é a minha raiz!

Sou eu!

Faço-te vergar

Quando a verdade te choca.

Desculpa-me:

Se as estrelas não brilharam,

O sol não aqueceu,

O céu não foi azul.

Do fundo do coração

Te compreendo.

E choro,

Não vendo o teu sorriso.

Tentei corresponder...

O rosto não faz o amigo!

Mesmo olhando as nuvens

E ouvindo

Os sons harmoniosos

Do dia-a-dia.

Voa!

O amor é como uma folha:

Cai, quando deve cair.

Acreditaste que podias desperdiçar

Um segundo:

Impossível!

A vida é feita assim:

De presença,

Graça... dores.

Adeus passarinho,

Amigo meu!

Morgado

incrível por mim vivida durante estes dias no Monte de S. Domingos — Fontelo (Armamar). Foi lá que tive conhecimento de que a minha vida não me pertence. Que há gente que desconheço e me conhece.

Naquele sábado estava só. Chega um casal da Régua, pedindo para ver o moinho. Acedi. E quando souberam que eu era da Casa do Gaiato contaram esta mesma história! No fim, perguntaram se eu conhecia o rapaz de que falavam!... A emoção era forte! Reprimi os primeiros impulsos de dor e respondi que era eu...! A minha mãe trabalhara para a mãe daquela senhora que me contava tudo isto!

Estes senhores convidaram-me para almoçar e, no fim, ofereceram-me uma antiga garrafa de vinho do Porto.

Hoje, voltando os olhos ao passado, vejo a minha transformação... Não seria nada se a Obra da Rua não me tivesse acolhido a tempo!

Não sou o único que traz em si uma história para contar. Muitas há, idênticas, em todas as Casas do Gaiato.

Agradeço às pessoas que me ajudaram durante a minha meninice. Especialmente à Irmã Tereza Maria, do Patronato de Godim. Por tudo o que fez por mim, considero-a como segunda mãe. A ela dedico estas linhas. Internada num dos hospitais do Porto, peço a Deus que cure a sua doença e, assim, possa continuar conosco.

Júlio Fernandes («Régua»)

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Ele está desempregado. Nós botamos a mão... Entretanto, desaparece de casa. Não importa, agora, referir o quadro negro, idêntico a tantos outros gerados pelo desemprego, pelas difíceis condições do mercado do trabalho que se criam, ciclicamente, como se a recessão fosse uma doença imprescindível no corpo dos povos! Problemas, aliás, de que só conhecemos os males, não as origens que transcendem o mais humilde cidadão — também o maior sofredor.

Eles têm filhos pequeninos — os mais sacrificados! Quantas crianças sofrem — não só aqui, por esse mundo além — as consequências da recessão?! Não falta o leitinho aos pequeninos — graças a Deus e aos nossos Leitores. O que for preciso! As crianças não têm culpa do destempero dos adultos. É o vicentino — sem paternalismo — que vai pelo seu pé, à camponesa, arrumar a conta da ração diária. E vai porque, ali, como noutros casos idênticos, temos de defender os indefesos. A miséria atrai miséria...!

(PARTILHA — Assinante 23984, do Porto, remanescente de contas com O GAIATO. «Para o caso que mais necessitar», outras sobras da assinante 3107, da Capital. Assinante 8994, também de Lisboa, 3.000\$00. Rosa, de S. Mamede de Infesta, presente com um saco de roupa, logo distri-

Retalhos de vida

## «JUIZ»



Sou o Carlos Augusto Correia de Oliveira e, entre a malta, o «Juiz».

Nasci em 19 de Janeiro de 1973, em Viseu.

— Eu não conheci o meu pai! A minha mãe não me podia sustentar... Por isso, mandaram-me para Aveiro, onde estive algum tempo, mas regresssei a Viseu. Depois..., a minha mãe conseguiu que eu viesse para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Gosto muito de estar aqui; a nossa Aldeia é tão bonita! Sinto-me bem com os meus colegas, com os meus amigos.

Quando for grande, eu gostaria de ser mecânico para, no futuro, ter uma vida boa, ser um homem, um bom trabalhador.

Carlos Oliveira («Juiz»)

buida pelas carências mais urgentes. Por intermédio do Espelho da Moda: 500\$00 em sobrescrito esverdeado; quatro vezes mais da Rua de Timor, V. N. Gaia; 3.000\$00 de anónimo; 2.000\$00 de boa Amiga com 72 anos; e metade de «uma portuense qual-quer» — «amigalhinha referente ao mês de Maio».

Um cheque de Coimbra: «Não quero o meu nome no jornal, pois nada faço que não deva a Deus que me vai protegendo sem eu merecer». Alma grande! A remessa habitual de Vilares (Vila Franca das Naves). Assinante 14893, do Porto, 300\$00. Assinante 11675, de Ermesinde, 250\$00. Um resto de contas pela mão do assinante 16301, de Águas Santas. Mais 5.000\$00 de Amiga, de Aveiro. Assinante 31104, mais 8.724\$00 e que «este pouco possa suavizar o sofrimento de alguém». Cheque de Deolinda, por interposta pessoa.

(Por fim, um grupo de Amigos que vieram logo dar apoio ao caso apontado n' O GAIATO de 6 de Julho: Cheque de vicentino lisboeta, sempre na brecha quando há Pobres que sangram! «Foi preciso que O GAIATO (mais uma vez o nosso «Famoso») viesse dar-me uma sacudidela para que o vicentino despertasse...» Vale de correio da assinante 6313, da Régua. Assinante 19305, 1.000\$00. Assinante 32436, de Venda Nova (Amadora), 500\$00. Um cheque da assinante 5218, de Freixeiro (Leça da Palmeira). Outro, bem abonado, da assinante 592, da Capital. Mais 1.000\$00 de Ovar e a promessa: «Quando regressar numa viagem, voltarei a dar notícias». Leva os Pobres no coração! Assim, até as férias são mais saborosas!

Estávamos a fechar a coluna e aparece aquela boa Amiga do Porto que nos visita assiduamente com uma oferta «por alma de minha mãe que está no Céu há onze anos», e outro tanto «por alma de Germano». É sempre uma partilha agradável — com os mais pobres no coração!

Em nome dos Pobres, aqui vai, para todos, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

DIA DO PAI AMÉRICO — Como sempre, costumamos festejar este dia com um passeio e este ano não fugiu à regra.

Neste 16 de Julho, dia da morte de Pai Américo, visitámos o Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo e, na Basílica aí situada, celebrámos a Santa Missa para agradecer a Pai Américo tudo o que fez para nós. De seguida, rumámos para o rio Cávado, onde, antes de almoçarmos, demos uns mergulhos.

Depois do almoço — que decorreu com naturalidade — seguimos para o Palácio de Cristal, onde visitámos uma exposição de Pintura e divertimo-nos no parque de diversões.

Jantámos depois num clima de festa, onde tudo correu maravilhosamente.

No fim, já saciados, agradecemos, cantando, ao nosso amigo Toni e aos seus amigos que ali foram ajudar e que assim quiseram participar da nossa festa.

ANTIGOS GAIATOS — Os Antigos Gaiatos reuniram-se em nossa Casa para realizar um convívio como se vinha anunciando.

Depois da Missa, realizou-se um encontro de futebol entre os novos e velhos gaiatos.

Seguiu-se uma banhoca na piscina para nos refrescarmos.

A seguir ao almoço tiveram uma reunião entre eles que fazia parte do Programa e com ela se fechou o convívio.

PRAIAS — Chegou ao fim o 1.º turno e tudo correu às mil maravilhas, pois não houve problemas de maior.

Vimos todos morenos. Do tempo só podemos dizer bem.

O 2.º turno já lá está. Os rapazes.



# O livro «A PORTA ABERTA» e os leitores

Na **procição** do livro A PORTA ABERTA vai uma Amiga de Cascais com uma legenda sacudida pela brisa marítima da Costa do Sol.

«Não há palavras!...» E repete para que toda a gente leia: «Não há palavras!... O Padre Américo é aquela pessoa que passou como um vendaval, e, como um vendaval, continua a fugitar as consciências!»

Um grito d'alma!

Quanto mais os anos correm, nós que lidámos de perto com Pai Américo e tantas vezes demos fé do vendaval — quais explosões de Sobrenatural, diria — mais nos convencemos de que «não há palavras» que

definam esse vendaval que o motivou como instrumento de Deus — só da alçada dos santos.

Pai Américo é um deles. Marcou profundamente a nossa alma que vibra e se emociona — não fôssemos de carne e osso também — sempre que recordamos o seu perfil singular, multifacetado, d'alma aberta e o coração nas mãos. Ele que tinha uma opinião própria sobre **canonizações**, às vezes com certo impacto no meio, pela sua frontalidade, fomos a dizer pela sua fé carismática. Até aqui, neste particular, nos domínios do transcendente — sobre tudo neste domínio — quanto terão os seus biógrafos para investigar — tão certinho ele foi à Luz da Fé...!

Talvez pareça deslocado este prólogo na coluna d'A PORTA ABERTA. Mas não! Como sucede a todos os precursores — a todos os santos — sabe Deus quanto **sofreu**, naquele tempo, por mor da **Porta Aberta**, qual outro «1640 dentro de Portugal», ao implantar definitivamente, sem teorias, a **Obra da Rua**, só apoiado no Evangelho, o seu Livro d'Horas. «**Todo o regresso a Nazaré — disse — é progresso social cristão.**»

Não admira que nos dias d'hoje — face à natural evolução do mundo, particularmente nos domínios da Educação, da

Pedagogia — não admira que a nossa mala do correio (pela mão do nosso Benjamim, quando pôde, ou ajudado por outro cireneu quando não) vá pejada de livros A PORTA ABERTA destinados a Pais, Professores, Escolas e Estabelecimentos dedicados à formação dos jovens, alguns mesmo cuidando dos sem-eira-nem-beira.

Aqui está A PORTA ABERTA no seu lugar! Foi exactamente por mor destas Obras, destes Lares — que substituem as carências da família — que a Dr.<sup>a</sup> Maria Palmira Duarte se dispôs a compilar o seu magnífico trabalho, agora em 2.<sup>a</sup> edição revista pela Autora.

Fica para aqui uma data de correio à nossa frente! Algumas cartas são **explosivas**, e não resistiremos a transcrevê-las, se possível, oportunamente. Aliás, é norma intencional darmos prevalência à voz do Leitor, único modo de mostrar diálogo e partilha Leitor/Autor.

Júlio Mendes

## Lar Operário em Lamego

Lar Operário! Foi assim que iniciámos há vinte e tantos anos!

Um grupo de rapazes com vontade de aprender uma arte, ou um ofício, veio para a Rua do Teatro 16 e encontrou um Lar acolhedor.

Os tempos vão passando e tudo corre normalmente, até que aumentam os anos de escolaridade e começam algumas dificuldades.

Quantas vezes a inclinação do rapaz era mais para aprender uma arte que, num amanhã mais próximo, garantisse o pão, do que propriamente para as letras...

Dispensam-se comentários e vamos às conclusões a que chegamos. O Lar Operário quase perdeu a sua finalidade e tornou-se mais uma casa de estudantes.

São diferentes e muito variadas as formas de fazer bem e de colaborar com os que mais precisam. Aceitamos.

Alteram-se, todavia, os horários das refeições e outros hábitos e impõe-se um lugar para estudar, preparar as lições e fazer os deveres escolares. Foi preciso improvisar, no refeitório, lugar para livros, cadernos, etc. Temos de confessar, porém, que tem havido desordem, falta de aproveitamento e um certo «reboliço» que não educa.

Num terraço anexo ao Lar de S. Domingos, vai-se construir uma sala de estudo. Já se mediram os metros necessários e, diz o construtor, que empregando toda a boa vontade, são precisos cerca de 500 contos!!!

Vai ser tudo muito simples, mas não se dispensam tijolos, cimento, telhas, janelas, vidros, etc. Isto tudo somado com a mão de obra e a instalação eléctrica, foi orçamentado para

## CANTINHO DOS RAPAZES

Foi no Verão de 1923 que o Senhor falou a Pai Américo e o desafiou da sua vida — uma vida honrada e digna pelo trabalho e brio com que a construiu ao longo de dezoito anos passados em Moçambique; uma certeza confirmada e promissora, que ele podia prosseguir de cabeça levantada diante de Deus e dos homens — para a aventura de O seguir.

Já em criança Deus lhe descobrira levemente a escolha que dele estava eternamente feita para uma caminhada importante a realizar em Seu Nome e sob a Sua benção. Mas, então, sem culpa do pequeno Américo, antes pela vontade de seu pai, a Voz que o chamava não teve resposta. Deus, porém, não tem pressas e tudo o que aconteceu estava de acordo com os Seus desígnios.

Em 1923, o Américo é um homem de 36 anos, na pujança da vida. Deus torna a falar, agora definitivamente; e o Seu chamamento ecoa bem claro na alma do Américo e recebe dele o sim incondicional que o faz voltar costas à certeza e trocá-la pela aventura de perseguir a Voz que o chama, que chama incessantemente pelo nosso nome.

Seis anos depois, em 28 de Julho de 1929 nascia padre. Mais vinte e sete anos e nasceria para o Céu, naquele 16 de Julho de 1956.

Foi uma vida breve a que decorreu entre estes dois nascimentos. Foi uma vida densa: Todas as suas horas foram de Deus. E, quando assim é, falar de cedo ou de tarde, de breve ou de longo, é estultícia porque quanto tem a marca do Eterno, não tem medida; somente a marca se revela em uma imensa fecundidade.

Deus falou... Mas como é que Deus fala? Onde estão no Homem os ouvidos para O ouvir?

Que bom se Pai Américo tivesse cumprido a sua promessa e houvera deixado o seu testemunho em o «De como eu subi ao Altar!» Mas ele não foi capaz. Nem sei se alguém é capaz de dizer como Deus fala, como se ouve a Sua voz.

mais de 500 contos, que não temos.

Os leitores amigos que, em horas de maior aflicção, têm aparecido, certamente vão também agora ajudar. Não queremos os 500 contos numa só vez, mas é indispensável que, daqui e dali, comece um cordão de formigas a carregar os tijolos, o cimento, e o mais que for indispensável para, no fim de Setembro, estar tudo no seu lugar.

Esta não é só a nossa vontade mas a de todos os que nos amam e desejam um futuro melhor para a juventude.

Certos de que o Pai do Céu vai aproveitar este projecto, vai também semear generosidade em muitos corações.

Padre Duarte

Experimenta-se. Mas dizê-lo...!

Aconteceu este ano, justamente no 16 de Julho, que a Liturgia das Horas nos recordou aquele episódio da vida do Profeta Elias, fugido a uma perseguição política, cansado de viver, a quem Deus reconforta com a Sua presença. Foi no monte Horeb, em uma gruta onde o Profeta se refugiou. «Um vento rijo e tempestuoso fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o Senhor não estava no vento. Depois da tempestade, a terra tremeu; mas o Senhor não estava no tremor de terra. Passado o tremor de terra, acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma leve brisa. Ao ouvir isto, Elias cobriu o rosto com o manto, safu e ficou à entrada da gruta. Chegou-lhe então aos ouvidos uma voz que disse: — Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: — Ardo em zelo pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel abandonaram a Vossa Aliança, derrubaram os Vossos Altares e mataram à espada os Vossos Profetas. Só eu escapei, mas agora procuram tirar-me a vida. Respondeu o Senhor: — Vai e regressa pelo caminho do deserto, em direcção a Damasco. (...) E Elias partiu dali.»

É muito significativo este episódio e decerto nos põe na pista da resposta à interrogação que fizemos.

Deus não fala no tumulto, mas sim no «murmúrio de uma leve brisa».

Ouvidos para O ouvir?... — só no mais íntimo do Homem, se aí houver uma inquietação persistente, apaixonadamente aceite e sofrida. Elias «ardiu em zelo pelo Senhor»!

Ouvidos para O ouvir?... — dá-no-los uma vontade forte e sincera de O escutar, pela certeza de que é Ele, e só, a Fonte da Paz que dará sentido e acalmia a essa inquietação.

Capacidade de escutar?... — só a adquire aquele que decidiu libertar-se dos ruídos que o envolvem e aprendeu a fazer silêncio dentro de si para detectar o «murmúrio da brisa suave».

Deus falou... Deus continua falando... Não apenas aos Patriarcas, aos Profetas..., a Pai Américo, a raros...! Deus quer ser ouvido por todo o homem que veio a este mundo, pois para cada um tem o Seu projecto a revelar, uma missão a que o enviar.

Felizes os que têm ouvidos para O ouvir, isto é: aqueles que os querem ter e descobriram dentro de si essa potência e a vão adestrando.

Pai Américo foi um destes homens — um homem de Fé, sincero, inquieto, faminto da Justiça e amante da Paz que Cristo veio trazer-nos e nos deixou. Aprendeu a escutar Deus: Escutou-O e foi feliz.

Filhos seus que somos, Deus nos ajude a habilitar-nos à herança de idêntica felicidade.

Padre Carlos

## Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.<sup>a</sup> pág.

le ou aquela que chama à sala os meus rapazes para falar com eles, antes de primeiro falar comigo». «Muito ajuda quem não estorva» e para estorvar já bastam os restos de família(?) de alguns e certo tipo de gente sem a noção daquilo que é uma Casa do Gaiato.

Padre Luiz

que o compõem já estão a gozar as suas merecidas férias.

**FUTEBOL** — Nos dias 30 de Junho, 7 e 14 de Julho, realizámos vários encontros de futebol e no final houve sempre festa. Convivemos, o que foi mais importante que os resultados.

**VISITAS** — Continuamos a receber muitos visitantes, principalmente dos arredores do Porto. Todos os fins-de-semana a nossa Casa fica cheia de visitantes que querem ver e conhecer a nossa Aldeia e também conviver connosco.

Ludgero Paulo

## BEIRÉ

**LAVOURA** — A nossa lavoura já está pronta. Agora falta semear o resto do milho que vai um bocadinho atrasado. Também já temos milho a pedir para ser sachado. Estamos a fazer os possíveis para o começarmos a sachar.

É muito bom ver as nossas batatas! Que bonitas que elas estão! É um regalo vê-las! O pior é se elas não dão nada; então é que é um sarilho. Esperamos que não aconteça isso, porque Deus é nosso amigo e ajudanos no que for preciso.

«Palhaço»

Cont. da 1.ª pág.

interesse e conseguido algum bem. A nível nacional, estamos longe do tratamento sério na perspectiva de o atingir em toda a sua extensão. Ao dizer extensão, penso nos mais débeis que nem sequer são capazes de sonhar com uma casa própria.

Temos procurado dar a vossa mão, através do Património dos Pobres e Autoconstrução, aos corajosos que, sem posses e com grandes sacrifícios, se lançaram na construção. Preocupamos, porém, a situação dos mais débeis, pois são incapazes de subir o monte da burocracia; de encetar a luta pelo terreno; de sonhar com paredes erguidas.

Aplanar o monte e dar aos filhos da Pátria o palmo de terra?!

Quem? Como começar?

Precisamente, no correio de hoje, chegou esta linda carta, que dá início à nossa procissão:

«As condições de vida dos portugueses são cada vez mais difíceis. A pobreza que se vê e a envergonhada aumentam. Não sabemos o que será o futuro. Eu estou só, como sabe, e Deus permitiu que eu tenha muito mais do que preciso para viver. A minha vida continua modesta. Não me interessa o luxo e os prazeres e aflige-me saber que há tantos trabalhadores sem receberem salários, tantas mães sem terem que dar aos filhos, enfim, tanta miséria! Depois li os livros que me têm mandado — *Obra da Rua e Pão dos Pobres* — e decidi que o melhor é dar já. Vós sabeis em que o aplicar. Mas,



O problema angustiante da habitação fere o cerne da Nação — pois abala brutalmente a instituição familiar.

por favor, não ponha o meu nome no jornal; não vale a pena. Não tem qualquer mérito esta dádiva.»

Esta dádiva são mil contos! Vós sabeis em que os aplicar.» Pois sim! Seja nos mais débeis.

Quem...? Como...?

O Senhor sabe e age através de muitos filhos queridos do Seu Coração.

É a primeira pedra.

E continuemos a nossa procissão que hoje tem um sacerdote a presidir. Veio da Guarda, com 17 mil. Logo o Amigo M. M.: «Mais um passo na procissão. Um passo pequenino mas cheio de amor pelos Irmãos, sobretudo pelos mais desfavorecidos. É para mim grande alegria sempre que subo mais um degrau nesta longa escadaria. Creio que fica assim em 185.000\$00 a contribuição para a Casa da Paz».

Uma Viúva, do Porto, com

mil, Pelo Espelho da Moda, cinco mil e este pedido: «Peço as vossas orações por três dos meus oito filhos que andam afastados do Caminho do Senhor». Grande mãe! O mais importante é o Caminho do Senhor.

Sempre presentes os nossos Amigos funcionários da Caixa Têxtil! A assinante 16516 com algumas telhas para uma casa. Também nos acompanha com muito amor e simplicidade e umas boas carradas de telhas o nosso amigo professor Francisco José, de Vila Real. Mais um passo para a Casa de Nossa Senhora do Carmo, iniciada há 22 anos. Não se preocupe! Não interessa concluir. Sim, recomeçar todos os dias. Da Covilhã, Maria Manuela com seis mil. De Rio Tinto, a Rita com dez mil. Mais uma presença da «mãe que crê em Deus». «Cinco gotinhas para a Casa de Santa Filomena».

Mil marcos para cumprimento duma promessa. Maria Isabel, dois mil. Maria Fernanda, três mil. Filhos do assinante 29312, mil. Mais 500\$00 para telhas de Maria Teresa, de Lisboa. 37.240\$00 no busto de Pai Américo, no Teatro Sá da Bandeira (Porto). Uma velha Amiga da Rua da Rua com dois mil para a Casa uma mãe amargurada — aflita com o perigo moral em que os seus quatro netos vivem. A preocupação da Eternidade acima dos bens temporais. Grande avó! E esta mãe de Castelo Branco com sessenta mil e a doutrina: «É por amor aos Pobres, por amor à doutrina de Cristo e também por intenção dum jovem que se enganou no caminho». Que o Senhor oiça a sua e nossa oração e nos dê coragem para, todos os dias, irmos ao encontro dos Irmãos.

Padre Telmo

## DOCTRINA

● A mãe do nosso doente da beira-mar dizia no dia seguinte, espantada: «O meu filho não quis falar ontem a ninguém, depois de comungar!» Sim; não quis falar a ninguém porquanto Alguém lhe falava e ele queria ouvir tudo. E declarava a toda a gente da pequenina povoação que nunca tinha recebido tantas dádivas como naquele dia.

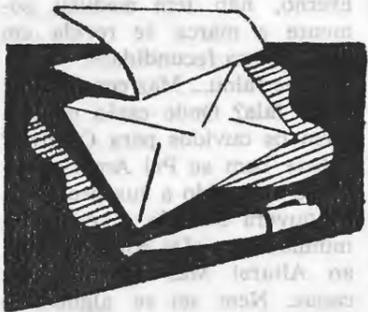
● Supersticiosa, como em regra toda a gente da beira-mar, trouxe o filho em mãos de bruxas nos primeiros anos do mal; não houve passadas que ela não desse nem dinheiros que não gastasse. E depois de tantos desenganos não quer ainda aceitar o infinito saber do Bom Deus, a tocar corações e dispor todas as coisas, suavemente, para o bem das almas! Porque, quer seja o monge beneditino da Foz do Douro ou a Maria do Estoril ou este antigo pescador da Costa de Lavos — são tudo irradiações vivas do Holocausto da Cruz; almas que Deus vai buscar onde muito bem quer, para continuar no mundo a missão redentora do Seu Cristo!

● Com licença de quem deu, também repartimos algumas peças de roupa por famílias pobres do nosso giro. «Dei ontem dois pontos, numas calças de meu filho e agora estou de cama...»! Esta Pobre sofre precisamente do mesmo mal em duas fontes de pus e os ratos vêm de noite roer e sumir nos cantos do sobrado a roupa que está para lavar! Acompanhei a sorte desta mulher desde a maré da viuvez. Ajudei-a, então, a sofrer a morte do seu marido, e a colocar os filhos nos braços de quem amorosamente os recebeu; eram oito crianças. Pouco tempo depois, deitou-se ela na Cruz que o nosso Bom Deus lhe preparou, onde actualmente vive, cabendo-lhe agora a ela a vez de me ajudar.

● A gente ouve as vidas destas mães angustiadas, chora à beirinha delas e tem ganas de gritar muito alto, ao mundo inteiro, que a opressão dos Pobres, principalmente órfãos e viúvas, é um pecado que brada aos Céus!

(Do livro *Pão dos Pobres* - 1.º vol.)

*D. Amén. 5!*



## Uma Carta

N. da R. — No mundo de correspondência que chega a nossas mãos, surgem presenças d'Amizade que não podemos esconder! É o caso do Pessoal das Telecomunicações dos CTT da Praça da Batalha (Porto), onde os nossos pequenos distribuidores d'O GAIATO, em sucessivas gerações (há dez, vinte, trinta anos), foram sempre mimados por toda a gente. Nas páginas do «Famoso», em «Isto é a Casa do Gaiato», Pai Américo descreveu naquele tempo — como só ele sabia! — preciosos factos que ali marcaram alguns gaiatos, hoje homens, talvez avós.

Eis as senhoras dos telefones:

«Aqui, Porto!

Com um abraço fraterno do Pessoal das Telecomunicações dos CTT, da Praça da Batalha, no Porto, enviamos um cheque de dez mil escudos apurados através duma cascata colocada

na secretaria, onde todo o Pessoal que ali entrava lia os versos que alguém fez e dava, voluntariamente, o muito ou pouco de que podia dispôr, mas todos, sem excepção, com uma grande admiração pela Obra da Rua.

Ó Santinhos populares... Do povo sois bem queridos; Lançai os vossos olhares, Para os mais desprotegidos.

E ao Pessoal da ATIP, Movei-lhe os corações, Para que todos alarguem As bolsas os seus cordões.

É prà Casa do Gaiato Que juntamos o dinheiro Vem aí o S. João... E está caro o carneiro.

Por graça, juntamos os versos que foram feitos por duas empregadas para serem lidos aos «Batatinhas». Os outros

também despertam os mesmos sentimentos de ternura, mas os mais pequeninos são sempre os mais mimados.

Andamos pedindo amor falando ao coração

de porta em porta, à porta de cada peito

pedindo amor calor com uma taça na mão em nome do S. João para Obra de respeito.

Uma moeda, outra e outra a tilintar uma nota quando em vez... e já se contam 1 2 3. S. João está contente com a alegria da gente.

O dinheiro que juntámos já entregámos a quem o fará chegar a alguém que numa breve oração aos pés do Pai dirá: Amen.

Com um abraço de ternura e gratidão nos despedimos, até qualquer dia, se Deus quiser.»



# Gaiato

Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel